
POESIA

O GIQUITIBÁ DA SERRA DE SANTA ANNA.

BRASILIANA

DEDICADA AO DR. FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO.

I.

Quando o Tolteca do polar deserto
Para o gremio do sol movêra os passos;
Quando Hobo cruel, á luz do Cancer,
No imo ardente calcinava a infancia,
Como outr'ora em Carthago o deus Saturno;
Quando Colombo os deltas do Orinoco
Ovante perlustrava, já o Tamoyo
No pino altivo do virente monte
Teu vulto contemplava, dominando
O flanco alpestre do Tinguá fronteiro,
E os valles, e as collinas, e as planicies,
E o campo azul do dilatado Oceano,
Que ao longe empanam duvidosas nuvens.

Labeo do fraco que aspirava o mando
Teu cimo fôra, quando a tribu acephala
Trocava o sceptro pela flecha alada,
Que em recto surto no teu cimo ingente
Abatia o colibrio variavel,
Entre as flôres mimoso bandoleiro.

II.

A mão do colono, o ferro empunhando,
Da obra do tempo ignara zombando,
No chão baqueou
O filho da terra, Titão da espessura
Que ao gremio do sol altivo elevou
A nobre estatura.

De sobre a montanha florida atalaia,
Co'a fronte media dos longes a raia;
Seu porte avistava
Saudoso tropeiro, que ás horas da calma
Contente, risonho, alli repousava,
Creando nova alma.

As leguas cansadas, e a base do céu
Coberta de nuvens, de cérulo véo,
Brioso media;
Seu passo dobrava, dobrava a pujança,
Que o grande madeiro, seu hospite e guia
Lhe dava esperança.

Aquelle que o raio não pôde vencer
O vimos ao braço de um bruto ceder:
Das nuvens cahiu
O fero gigante, outr'ora tão fausto!
A flamma seu vulto a pó reduziu
Em grande holocausto.

No flanco da rocha batendo medonho
A rocha no rio rolou como um conho;
O céu horrifaram
As aguas do valle em franjas ardentes,

E as ondas curvando alli rebentaram
Ruidosas, frementes.

Assim cascavel na relva escondida
Assalta o cacique, devora-lhe a vida;
O rei desconhece,
E lança por terra tão grande entidade,
A gloria aniquila, os louros fenece
E a magestade!

III.

Como um gigante horripilado, ás auras
Co'a fronte hirsuta, serpeando os braços,
Eu o vi na montanha: a copa excelsa
Floreava ao tufão, nuvens cardando:
E do monte surgia, qual se eleva
Desmedido condor supino aos Andes.
Nunca o vigia da mourisca plaga
Mais alto se elevou, nem campanario
Que o Rheno mede da altaneira grimpã,
E d'aguia alpina se equipara ao vôo.

Rei da montanha, amesquinhava o bosque,
Quando, supino, no ambiente lucido
Sombreava o perfil, e lá nos longes,
Na montanha azulada e nos convalles
Saudava as caravanas tintinantes
Dos tardos lotes, que o poento guia
Cantando impelle à turbulenta côrte.

Vi a nuvem do céu toucar-lhe a fronte
De translucida facha, e caroavel
Banhar-lhe os membros de vital conforto,
Infundir-lhe no cerne evos sem conta;

Erguel-o esbelto às regiões ethereas ,
Para orgulho da selva millenaria ,
Para assombro do homem , que por elle
Aos céos subia c'um olhar sómente.

Quem do solo varreu seu vulto augusto ,
E em seu throno assentou rasteira messe ? !

IV.

Pejada nuvem de medonhos raios
O seu ser respeitou ; evos ingenitos
Co'a natura , de annaes que o céu colhéra ,
Ao embate continuo das tormentas ,
Á furia do pampeiro , não poderam
Unir-lhe o tope ao chão , vel-o um prescito
Zoas , que beija a terra fulminado.
Firmado , como o sol , dos feros Euros
Constante triumphou : nunca seu tronco
Levemente tremeu ao largo impulso
Do flanco do tapir , quando , pungido
Da mutuca , dispara e no trajecto
Estala os troncos , a raiz revolve ,
Marca a senda ruínosa , mil segures
No passo vence , e sobre o chão descreve
A rota immersa , o fabulado impulso
Do ingente minhocão , que estala as pedras ,
Desvia as aguas , esboroa os montes.

Como eras bella portentosa mole
Da devesa , e do vate que te vira
— Briareo da floresta — alçando os membros
Em extasis perpetuo ao céu formoso ,
E aspirando no céu perpetuo lume ,

Grandeza e magestade! e meigos zephyros
E as aves e as flôres nessa fronte
Odoras harmonias derramarem.
Mil vezes, ao rugir dos vendavaes,
Vi teu vulto bradir no ar as franças
Como aguia amazonia dormitando
Em aura etherea, deslembrando o cibo.

E sorrindo á tempestade,
Como na estação de amores,
A serra toda juncavas
Com tuas mimosas flôres.

Os ventos furibundos,
Os mestos turbilhões
De horrendos furacões,
Terror da terra e mar,

Em roda do teu throno
Humildes circulavam,
Humildes se amainavam,
Morriam de cansar;

Co'a copa grandiosa
Que em brincos floreavas,
Os raios perfumavas
Com teu brasileiro odor;

E a voz aterradora
Do temporal medonho
Ouvias como um sonho,
Como um carmen de amor.

V.

O monte não corôas, não alegrias
O filho d'Ouro-Preto, nem o servo
Mensageiro, o Goyano que ledo te saudava
Das fronteiras da patria. Eras a estrella
D'errante peregrino, o pouso ameno
Do incansavel poento boiadeiro;
A balisa de amor, o marco aereo
Do lesto viandeiro.

Em vão teu porte
Magestoso demanda o viajante,
Em vão á serra o pede, como outr'ora
Brilhante nos Botaes. Ah! não o encontra!
Infeliz, o não vê, qual vi risonho
Do alto do Simplão, na bella Italia,
O bronze de Baveno abençoando
Da marmorea montanha o lago ameno
E as ferteis veigas da lombarda gente.

A perda inopinada do que amamos
N'um tristonho deserto a vida envolve;
No fertil campo das visões, no berço
Amoroso da ardente phantasia,
No gremio da saudade, retrahida
Fica nossa alma a prantear; e geme
Ante a gleba afflictiva que acoberta
A doce imagem que comnosco vive
Nos thesouros donosos da memoria

VI.

Quantas vezes á sombra impervia, odora,
Do florido colosso, ao lume esquivo

Da tacita Lucina, alli, contentes
Vincularam c'os os labios duas almas
Ardentes corações, longe do mundo,
Deslembrados da terra, sós, felizes,
Como as aves que dormem sobre a nuvem
Que o vento leva ás regiões elysias !

Quantas vezes, ó tronco, tu do alto
Igualmente amoroso coroaste
Esta doce effusão, esta ventura,
C'um chuveiro de flôres, sem que o sonho,
O doce devaneio entrecortasse
Pio agoureiro de sinistras aves?

Á tua larga sombra, o vate e o sabio
Em delirante arroubo quantas vezes
Na esponja cerebral não embeberam
Esse nectar de luz que o céu derrama,
Essa fluida harmonia que constante
A natura ridente e magestosa
No seu seio fecundo altriz renova?
E após, rolando os olhos pelos valles,
Pelas navas que vão no mar perder-se,
A imagem viam grandiosa e bella
Do panorama insolito da esphera
De teu reino sem par, ó rei da selva !

Agora, só na téla imaginaria
Do amigo espaço vejo a larga umbella
Protectora da selva espadanar-se ;
E o polvo immenso da raiz, que o monte
Com mil braços herculeos abraçava,
No chão, troncado, irradiar-se putrido ;
E o tronco, que vencia os obeliscos
De Memphis, pela terra envolto em cinzas.

Pôde o ferro de um bruto mais que o tempo !
A nova gente , a geração futura ,
Nunca mais o verá ! Maldita seja
A mão profana que levanta o ferro ,
E tala insana com brutal sevicia
O padrão millenario da natura ,
E insulta a terra , que corôa a relva ,
E ao homem pede da cultura a graça.

VII.

De aligeros cantores verde liça
N'Arcadia aerea quantas vezes foste ,
Antes que o Indio , teu collaço , ás brenhas
Pedisse asylo contra o ferro luso ?
Quão bello te ostentavas , quando a avicula
Princeza da floresta ahi pousava
Sorrindo á luz da aurora , saltitando
Na florente alcatifa , e retinindo
Seus floreios risonhos ; quando á tarde
Ceruleos tingarás ledas choréas
Por tuas niveas flôres espargiam ,
E as flôres n'um conjuncto harmonioso
Ao céo mandavam perfumado accento ;
Quando ao reclamo do canoro encontro
Formosos gaturamos respondiam
Com seus aureos gorgeios ; quando , oh tempos
Da virgem natureza , em tua copa
Co'a tromba alada buzinava aos ares
O supino tocano , resplendendo
A mursa imperial entre as bromelias
Que teus braços ornavam , como enfeitam
Do gentio garrido as varias pennas !

Dir-se-hia que Ganeso do Himalaya
Alli vinha saudar o céu brasileiro.

Qual ponto cardeal d'ave emigrada ,
Ou cabo que a derrota verifica,
Eras tu sobre a serra dos Botaes,
A meta do descanso e d'alegria.
Eras o pouso do nocturno *gallo*
Que a verde esquadra dos *says* dirige;
Da escamigera *tanagra* , do *guaxi* ,
De rubros *tapirangas* , d'arapongas,
Cyclopes da floresta. Nos teus ramos
Não mais veremos , repicando as azas,
Pendendo o corpo , como o proprio ninho ,
O canoro *japú* soltando endeixas ;
Nem tão pouco o sublime *sabiásica*
Que ás aves falla em gorgeados hymnos ,
Ao homem co'a palavra animadora,
E imita os uivos das cruentas fêras !

No arbusto fronteiro , ao largo espaço
Que outr'ora preenchias grandioso ,
Mosqueadas *nogueras* , compungidas ,
Irão chorar e a rola gemebunda
Tua ausencia sem fim , sem lenitivo.
Na memoria do vate e no instincto
D'avicula celeste , como um sonho ,
O teu porte frondoso , altivo e bello ,
De amazonia grandeza , se retraça.
Para mim vivirás , pois que em meu album
Em vagas linhas te guardei fatidico ;
Nesse livro em que o lapis vence a lyra
Quando a lyra contorna a natureza.
Alli ao tronco alpino avizinhado ,

Que a neve bebe co'a raiz marmorea,
E de auroras boreaes corôa o vertice;
Junto ao valle amoroso de Alba-lunga,
Ao platano do Tibre, ás veigas do Arno,
Saudo ficarás, como essas paginas
Que em meus olhos embebem caroaveis,
Delicias que se foram, juventude!

VIII.

Embora sobre a giba acroceraunea
Do soberbo Tinguá o sol fagueiro
Se debruce mil annos radiante:
Sobre o monte despido não te encontra
A luz que te animára em almos dias,
Que bondosa a seu gremio te achegava,
Para mais te avultar; que a tua sombra
No infinito lançava quando a aurora
Nos valles duvidosa se espalhava,
Ou quando entre listões de fogo á tarde
Ao mar de Nictheroy a conduzia!

Como em ermo infecundo, no teu solio
O vento ora perpassa, e nem sibila!
Auras de amor, estereis, se deslisam
Sem colher em teu seio odor a vida.

Vedaram-te o libar eternamente
Beijos de luz no thalamo dos astros,
E os mimos encendidos, feiticeiros,
Dos zephyros vernaes, que em tuas flôres
Com prénubas meiguices derramavam
Formosura sem par, amor e vida.
Sobre tanta grandeza agora passa

Tristonha a vista, o coração lanhado !
No feio descampado ora mal vinga
Mesquinha palma de barbado milho ,
E a consocia da relva, flôr silvestre.

O fauno da floresta , a simia astuta ,
Alli não dançará ; nem o barbado ,
Sultão da relva, cantará monotono
Espumante canção entre as esposas.
Ao mudo passo do precauto joven
Que a espingarda lhe aponta , a fugaz prole
Não irá esconder-se entre as grinaldas
Que á terra descem pelo tronco, e subita
Em salto areo se retrahe ao tiro,
Galgando o valle e a cerrada matta
Onde eterno crepusc'lo se alimenta.

Hoje meus olhos no vingar a serra
Tua imagem não vêem , patriarcha
Da virginea devesa , que o teu vulto
Do céu volveu ao chão, do chão ao nada !
Choram-te as aves, tão sómente as aves,
Que a estulticia em delirio , em rude applauso ,
Tua quêda exaltou, tripudiando !

Envolto em trevas, n'um culpado olvido
Não te deixo morrer ; pois tantas vezes
Arroubado de encantos, plena a vista
De tanta magestade, contemplei-te.
Não serás transitorio monumento
Na vida do meu ser contemplativo ,
Nem aos olhos do mundo , como nuvem
Que no céu descreveu seres informes ,
Passarás. Sim , não vives mais na terra,
Mas vives na memoria do teu vate :

Será teu epitaphio este meu canto ,
Canto de indignação e de saudade,
Que impreca o braço iniquo , o feroz braço
De teu algoz , Gigante Americano.

OBLATA.

A ti, modesto Freire , antiste amavel
Do templo da natura, este meu canto
Na rude selva escripto hei dedicado.
Consente aqui teu nome , illustre amigo.

Deus infinito e bom quiz em teu seio
Casto amor infundir, perpetuo , immenso ,
E a teus olhos abriu a natureza
Formosa e bella, variada e grande.
Ás flôres fez-te amar como o colibrio ,
E no tronco altaneiro achar a escala
Que o ser eleva ás regiões celestes.
Esposaste uma flôr, e a flôr deu fructo ,
E esse fructo , meu Freire , é tua gloria.

S. Pedro , 14 de Dezembro de 1845.

PORTO-ALEGRE.
